

RE-DESIGN DE VESTUÁRIO: MAIS UM PASSO NO SLOW DESIGN

JUDITE FERREIRA¹, ANA CRISTINA BROEGA², BERNARDO PROVIDÊNCIA³

¹Universidade do Minho, judite_jesus@hotmail.com

²Universidade do Minho, Departamento Engenharia Têxtil, cbroega@det.uminho.pt

³Universidade do Minho, Departamento Engenharia Têxtil, abp@det.uminho.pt

RESUMO

Este artigo é elaborado no decurso de uma dissertação para o Mestrado em Design e Marketing. O foco de investigação diz respeito à exploração de recursos humanos e naturais em função dos objetivos comerciais da indústria têxtil e dos respetivos desperdícios que poluem o meio ambiente. Além disto, a pressão colocada pelos consumidores à indústria têxtil, para que esta responda rapidamente às suas exigências e vice-versa, faz desde a criação e desenvolvimento de uma peça de roupa, até ao seu descarte, um processo insustentável – designado como “Fast-fashion”. É neste ponto que o cerne do trabalho deriva, ou seja, o reaproveitamento de peças de vestuário, com recolha e classificação criteriosa, passíveis de serem recuperadas numa abordagem atual de moda concretizando mais um acréscimo no seu ciclo de vida. O “Design”, enquanto ferramenta essencial do “Life Cycle” dos produtos, é o responsável para a maximização do valor de uma peça de roupa na procura da minimização dos seus impactos ambientais e sócio - económicos. Deste modo, a metodologia adotada para o estudo em questão será a de “Up-cycling” com vista à reutilização de peças de vestuário pertencentes a uma amostra aleatória.

PALAVRAS-CHAVE

Sustentabilidade, Desperdício, Consumo, “Fast – fashion”, “Life Cycle Design”, “Up – cycling”.

1. O desafio da sustentabilidade na indústria têxtil

Ao longo do tempo, veio a tornar-se evidente que a relação de causa-efeito entre desenvolvimento económico, tecnológico e social estava mais que obsoleta, constituindo uma ameaça mortal para o planeta Terra e para a espécie humana. Sendo o ambiente natural fundamental para a vida, a consciência ecológica é a base inicial do conceito de sustentabilidade.

É neste contexto que surge, em 1987, o conceito de desenvolvimento sustentável pela Comissão Brundtland ou WCDE (World Commission on Environment and Development — Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento), como o “desenvolvimento que dá resposta às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras darem resposta às suas próprias necessidades” (Barro, 2010, p.15). O desenvolvimento sustentável abarca, assim, diferentes dimensões indissociáveis umas das outras: ecológica ou ambiental, económica e social. Deste modo, na sociedade moderna industrializada, os valores ambientais da sustentabilidade reservam-se em termos práticos, essencialmente, à produção baseada na garantia da renovação dos recursos naturais; na preservação dos recursos não renováveis – seja o ar, a água e o sol; na capacidade biodegradável dos resíduos produzidos; e, finalmente, na não interferência do espaço ambiental que cada indivíduo e comunidade têm por direito fundamental (Manzini, 2002, p.28).

1.1. Os impactos do sistema da moda

Os efeitos nefastos causados pela indústria da moda estão mais que comprovados em termos ambientais, sociais e económicos. A produção de uma peça de vestuário expõe a necessidade da exploração de um enorme conjunto de recursos que se irão distribuir ao longo de várias fases produtivas num ciclo de vida (Defra, 2011, p.4).

Como exemplifica a figura 1, as várias fases produtivas distribuem-se entre a extração de matéria-prima, produção, distribuição ou transporte, utilização e, finalmente, eliminação (White, 2008, pp.44 – 45).

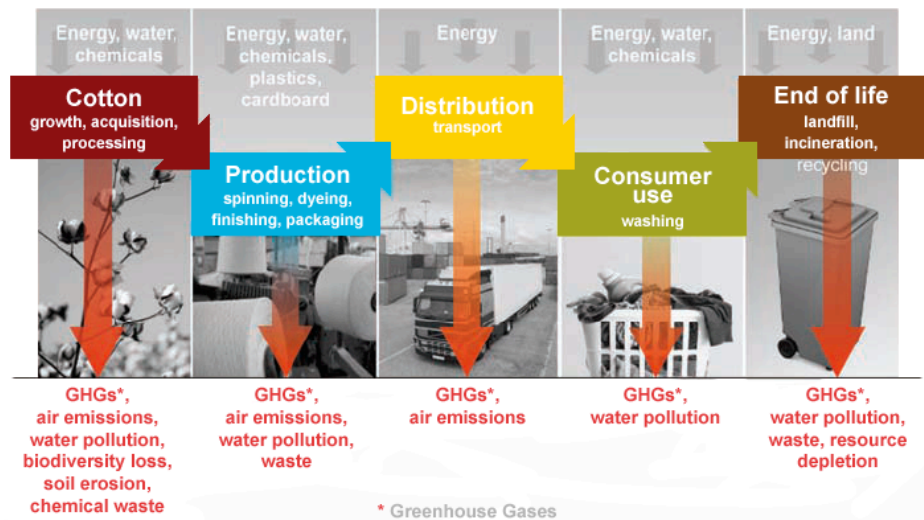


Figura 1. “Environmental impacts across the life cycle: example cotton” (Defra, 2011, p.3)

1.2. Fast-fashion vs Slow-fashion

Sob a égide da globalização, em 2005 – com o fim do acordo da Multifibras pela Organização Mundial do Comércio, que consistiu na remoção das quotas de comércio têxtil em vários países – deu início a uma nova era de mercado livre, promovendo e cimentando a competição mundial através de produção a baixo custo combinada com avanços tecnológicos. Nas últimas décadas, os investidores e as grandes marcas de roupa têm adotado uma política de preços baixos, na procura da melhor relação qualidade/baixo custo, especialmente, nos países considerados de 3º mundo ou em processo de desenvolvimento com mão de obra barata. Esta conjuntura levou a uma maior redução dos preços junto do público o que, por sua vez, levou a uma maior procura pelos consumidores. (Jones, 2005, p.33).

É a rapidez de resposta que define atualmente a indústria da moda. A produção de uma peça de vestuário pode ter a duração de apenas 12 dias para ser rapidamente consumida por um público cada vez mais ávido de comprar produtos a baixo preço fornecidos por gigantescas cadeias de retalho como a Primark, Zara ou H&M (Fletcher, 2007). A variedade de oferta em conjunto com as últimas tendências da moda a baixo preço, facilmente, seduzem os consumidores, estimulando a compra excessiva de vestuário mais do que o necessário. Este fenómeno dá pelo nome de *Fast-fashion*. O movimento *Fast-fashion* é, na verdade, uma forma dissimulada da procura de lucro máximo relegando os impactos ambientais, sociais e humanos, especialmente, em países em vias de desenvolvimento (Fletcher, 2008, p.162).

“A velocidade de resposta ao mercado é considerada a verdadeira alavanca competitiva; os custos baixos dos seus produtos são obtidos principalmente pela exploração de seus fornecedores, aos quais impõem preços e condições de entrega que levam, inevitavelmente, à exploração de mão-de-obra (Cietta, 2010,p.19)”.

Em oposição ao modelo de produção em massa *Fast-fashion* surge o conceito de *Slow-fashion*. O professor Guttorm Fløistad – *The World of Institute of Slowness* – explica a filosofia de “*slow movement*”:

“The only thing for certain is that everything changes. The rate of change increases. If you want

to hang on, you'd better speed up. That is the message of today. It could, however, be useful to remind everyone that our basic needs never change. This is given only through slowness in human relations. In order to master changes, we have to recover slowness, reflection, and

2

togetherness. There we will find real renewal."

Ao invés da satisfação a curto prazo, “abrandar” é a palavra de ordem a adaptar no nosso ritmo quotidiano permitindo-nos tomar decisões mais conscientes ambientalmente e eticamente responsáveis (Hadden, 2012). Assim sendo, os princípios do movimento “Slow-Fashion” dizem respeito a:

- preocupação pelos impactos negativos da indústria da moda na vida dos seus trabalhadores, comunidades e ecossistemas;
- qualidade sobre a quantidade;
- promoção de consumo consciente em relação ao consumo desnecessário;
- abrandamento da cadeia de produção para reduzir o número de tendências e coleções;
- e, finalmente, promover a sustentabilidade como um valor fundamental no ciclo de vida do vestuário.

2. Design para a sustentabilidade

Fundamentalmente, “a sustentabilidade trata-se, sobretudo, de uma reflexão que nos leva a perguntar por que motivo as coisas são como são e o que podemos fazer para as melhorar” (Barro, 2010, p.15), no momento da projeção de uma ideia ou objeto, para uma determinada sociedade, através de um processo que procure a otimização e baixo consumo de recursos ou mesmo fazendo a recuperação para uma nova etapa no ciclo de vida de um produto.

2.1. Life Cycle design

A metodologia de desenvolvimento de produtos sustentáveis deve estar associado ao Ciclo de Vida do Produto (LCD - Life Cycle Design) e o designer deve encontrar soluções sustentáveis para todas as fases que o compõem.

“Life-cycle analysis is a framework for examining the range of sustainability impacts that occur from the time a product is born into existence until it reaches its death. Life cycles are typically broken into phases, such as raw material extraction, material processing, manufacturing, distribution, sale, use and end-of-life” (White, 2008, pp.44 – 45).

Como foi abordado, os produtos têxteis têm implicações ambientais, sociais e económicas, ao longo das várias fases da sua existência até serem eliminadas ou terminarem num aterro. A este modelo de produção, McDonough (2002) denomina de “*cradle-to-grave*”. “*Resources are extracted, shaped into products, and eventually disposed of in a “grave” of some kind, usually a landfill or incinerator*” (McDonough, 2002, p.24).

2.2. Up – cycling

No descarte do produto, o design é a ferramenta ideal para fazer uma nova reinterpretação do mesmo, fazendo o seu Re-design oferecendo-lhe novamente a funcionalidade e, por sua vez, um novo ciclo-de-vida. A partir deste conceito há desaceleração dos ciclos de moda ao integrar peças únicas, duradouras e com valor acrescentado indo contra os ciclos atuais de tendências de moda.

A metodologia de *Up-cycling* é uma das soluções encontradas para ajudar a resolver o problema do

consumo desmesurado e o curto ciclo de vida dos produtos têxteis. Através de uma amostra aleatória de peças de roupa usadas e sem funcionalidade pretende-se dar uma nova integração na vida quotidiana de diferentes indivíduos com base no estilo de vida de cada um.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, a metodologia de design adotada está sob a análise da sua viabilidade para a valorização de peças de vestuário consideradas inúteis pelos seus proprietários, mas, que contêm em si laços afetivos ou projetam recordações sentimentais importantes. Estas peças de vestuário serão avaliadas mediante um conjunto de critérios que ditarão a exequibilidade da sua transformação para peças esteticamente intemporais. Ao longo deste processo pretende-se fazer um acompanhamento contínuo de todos os detalhes previstos para a transformação da peça através de um registo fotográfico e descritivo.

A conjuntura sócio-económica mundial pode ser um fator para a garantia do sucesso desta iniciativa junto das comunidades conscientes dos impactos da moda e com preocupações em manter um ritmo de vida mais “verde”.

Barro, D., (2010). *Look Up! Natural Porto Art Show, Um projecto sobre a Sustentabilidade na arte, na arquitectura e no design*, Santiago de Compostela, Dardo.

Cietta, E., (2010). *A Revolução do Fast - Fashion, Estratégias e modelos organizativos para competir nas indústrias híbridas*, São Paulo, Estação das Letras e Cores.

Fletcher, K., 2007, *Slow fashion*. The Ecologist, Disponível através de: The Garden Environment Network [Consultado a 19 Fevereiro 2012].

Fletcher, K., 2008. *Sustainable Fashion & Textiles, Design Journeys*, London, Earthscan.

Hadden, H., 2012, *What is Slow Fashion?*. [online] Disponível em: <http://ilovetoronto.com/featured/2012/02/what-isslow-fashion> [Consultado a 19 Fevereiro 2012].

Jones, S., (2005). *Fashion Design, O Manual do Estilista*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SA.

Manzini, E.; Vezzoli, C. (2002). *O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

McDonough, W., Braungart, M. (2002). *Cradle-to-Cradle, Remaking the way we make things*, New York, North Point Press.

White, C., Stewart, E., (2008). *Aligned for Sustainable Design, An A-B-C-D Approach to Making Better Products*, Business for Social Responsibility and IDEO, San Francisco. Disponível em:

http://www.bsr.org/reports/BSR_Sustainable_Design_Report_0508.pdf [Consultado a 06/03/2012]

http://center.sustainability.duke.edu/sites/default/files/documents/clothing_actionplan.pdf [Consultado a 19/02/2012]